



MR 021. Limites da cibercultura: máquinas, corpos e algoritmos

Coordenador(es):

Theophilos Rifiotis (UFSC)

Participantes:

Maria Paula Sibilla (UFF)

Jean Segata (UFRGS)

Sergio Amadeu da Silveira (UFABC)

Luis Felipe R. Murillo (School of Data Science (UVA))

A proposta visa colocar em debate os horizontes atuais da pesquisa antropológica no campo da cibercultura, em diálogo com questões que inspiram diretamente a teoria antropológica, sobretudo no que se refere aos agentes, aos coletivos a serem considerados na análise, à agência, à busca permanente de simetrização na relação entre distintos regimes de saberes, etc. Paula Sibilla discute a digitalização da vida através de uma genealogia do corpo como máquina. Ela procura mostrar como a metáfora da máquina na modernidade serviu tanto para pensar como para desenhar estratégias de intervenção em objetos diversos como as cidades e o sistema solar, passando por instituições básicas como a escola ou a fábrica. Theophilos Rifiotis apresentará uma arqueologia do ciborgue a partir da análise de quatro cenários historicamente emblemáticos: 1) O Turco, autômato que jogava xadrez, criado no século XVIII; 2) Frankenstein, romance de Mary Shelley (século XIX); 3) "Eu robô" de Isaac Asimov (meados do século XX); e 4) Blade Runner, filme dos anos de 1980. Finalmente, Jean Segata analisa o emprego de tecnologias digitais e tecnologias da vida como infraestruturas de políticas públicas de saúde, que prometem prever epidemias. São modelagens de cenários de risco performados pelo emprego de algoritmos para mineração de dados e softwares de geolocalização, em associação com técnicas de ampliação de DNA, para o controle e a vigilância de mosquitos e vírus. Sérgio Amadeu e Luís F. Murillo debatedores.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: